

(E)
Pan. 1

O TRANSVAAL

E

O DOMINIO INGLEZ

MEMORIA

POR

GEORGE PIGOT MOODIE

Traduzida, e lida na

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Em feffão de 8 de abril de 1881

POR

AUGUSTO DE CASTILHO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1881

CAS

O TRANSVAAL

E

O DOMINIO INGLEZ

O. TRANSVAL

O. DOMINIO INGLIA

IN ROMA

FORGE FICOT MOODE

O. TRANSVAL

ALL RIGHTS RESERVED BY THE AUTHOR

O. DOMINIO INGLIA

1881

PRINTED BY THE AUTHOR

1881

O TRANVAAL

E

O DOMINIO INGLEZ

MEMORIA

POR

GEORGE PIGOT MOODIE

Traduzida, e lida na

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Em sessão de 8 de abril de 1881

POR

AUGUSTO DE CASTILHO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1881

O. TRANSVAAL

E

O. DOMINIO INGLEZ

MEMORIA

PER

GEORGE RINGOT MOODIE

Author of the

Handbook of Geographical Names

of the Cape Colony

AND

ALBERTO DE CASTILHO

1881

1881

O TRANSVAAL

Os boers ou lavradores hollandezes das colonias do Cabo, de Natal, do Estado livre de Orange e do Transvaal são pela maior parte descendentes dos empregados civis e militares da Companhia das Indias Orientaes Hollandezas, que se fixaram no Cabo ao terminarem o prazo dos seus empregos; e bem assim de uma pequena porção de refugiados huguenotes que da Europa fugiram em consequencia das perseguições que se deram depois da revocação do Editto de Nantes.

Como nunca houve emigração systematica, o nu-

mero d'esses colonos fô de então para cá tem augmentado pela multiplicação natural, e pelas pouco numerosas importações que depois se foram fazendo para preencher as vagaturas nos empregos da Companhia, ao passo que iam sendo despedidos de tempos a tempos os empregados d'esta, e que se iam fixando como cidadãos da Colonia. Pelas estatísticas que nos deixaram os primeiros governadores hollandezes, sabemos que uma grande maioria d'estes habitantes se compunha de pessoas de boa familia, e tambem que a nenhuns se permittia o demittirem-se e tornarem-se cidadãos senão quando tinham boas informações, e seguiam a religião Protestante.

A Companhia das Indias Orientaes Hollandezas tinha uma carta fundamental outorgada pelo governo neerlandez, a qual lhe dava o inteiro monopolio do commercio; e assim estava collocada nas suas mãos toda a gerencia dos negocios tanto politicos como commerciaes. Esta carta foi dada em 1602; mas fô 50 annos mais tarde, ou 150 depois da descoberta do Cabo pelos portuguezes, é que se jul-

gou necessario estabelecer ali este ponto de escala, para servir de refugio e refrigerio ás esquadras da Companhia nas suas longas viagens para a India. Foi a 5 de abril de 1652, que Jan van Riebeck, o primeiro commandante d'aquella estação, avistou a grande montanha de Mesa, na extremidade Sul do continente, exprimindo-se assim no seu diario nautico: «Ao correr da 5.^a ampulhéta, depois do meio dia, avistámos com o favor de Deus o Cabo da Boa Esperança.» Fundeou no dia seguinte; e, segundo nol-o diz o seu diario, logo mandou a terra buscar alguns vegetaes para refresco, visto que a sua guarnição que já trazia quatro mezes e meio de mar, estava bastante debilitada.

*

Quem quizer conhecer o caracter e os habitos dos boers da actualidade, deve com vantagem reportar-se aos diarios d'aquelle tempo; por isso que ali encontramos não sómente as particularidades de estylo, e as mesmas originalidades primitivas de expref-

fão, que ainda caracterizam os escriptos dos boers de hoje, mas tambem muitas das occurrencias que ainda são triviaes no viver dos lavradores da fronteira.

Apenas van Riebeck tinha estado 3 dias em terra com a sua gente, já para assim dizer conhecia os costumes guerreiros, e os disturbios internos habituaes, que fazem a sequencia da historia dos selvagens africanos: «A 8 de abril ao 1/2 dia (diz o diario) approximou-se um grupo de selvagens, que pela sua attitude guerreira e com as suas zagaias e flexas nos «deu bastante que fazer.»

Penfa-se geralmente na Europa, que os indigenas da Africa do Sul, quando deixados a si mesmos, levam uma vida de pacifica felicidade; e que é só depois de perturbados pelos invasores brancos, que n'elles se despertam os instinctos guerreiros. Esta idéa é muito erronea. Em quanto o indigena não está debaixo da nossa influencia, e em quanto não conhece, não direi a moralidade do branco ou a sua religião, mas o dinheiro do branco, e o luxo e conforto que

por meio d'elle se obtem; o selvagem de Africa passa toda a sua aliás indolente vida em olhares cubiçosos dirigidos para as manadas e rebanhos das tribus suas visinhas, e fustirando pelo dia em que d'elles se poderá apoderar. O roubo não obstante, considerado como uma offensa social, não é entre elles frequente; por isso que elles em geral não vão roubar dentro da sua propria tribu; annexar porém a propriedade de um estranho é outra coisa, e não é portanto considerado crime no seu codigo moral e politico.

Vemos pois, que mesmo n'aquelles primitivos tempos se lhes offerecia ensejo para pôrem em pratica as suas tendencias. Pouco adiante continua assim o diario já citado: «Abril 24. Na noite passada a gente «em terra apanhou um enorme cavallo marinho (hipopopotamo), quasi tão pesado como dois bois ordinarios, tendo uma medonha e enorme cabeça.— «Agosto 12. Vimos gamos e gazellas a alcance da artilheria da fortaleza, mas tão bravos que não podemos chegar-lhes; o que se torna muito desagradavel, por termos de continuar a nossa ardua tarefa

CARNEGIE BIBLIOTEK

U.S.

«com um alimento mau, em quanto Deus Nosso Senhor nol-o não der melhor e mais abundante.»

*

A Companhia Hollandeza era uma corporação puramente commercial, cujo principal fim consistia em augmentar os seus supprimentos, como se deprehen- de de uma resolução do conselho tomada em setem- bro, a qual, depois de enumerar uma quantidade de fontes de receita abertas á Companhia, conclue pela esperança de que «o Todo Poderoso abençoará a em- preza para serviço e proveito dos emprefarios. Amen.»

As bases em que por tanto se fazia o seu trafego, eram diversas d'aquellas que vieram depois a sub- stituil-as com as escolas de Cobden e Bright. A Com- panhia mantinha um rigoroso monopolio de toda a especie de commercio, e fixava os preços pelos quaes os lavradores lhe deveriam vender o seu gado e pro- ductos agricolas.

É a este monopolio, mais do que a outra qualquer

causa, que se deve attribuir a origem das tendencias para a emigração, que tão caracteristicas teem sido nos lavradores da Africa Austral, e que d'elles tem feito os *pioneiros*¹ de Natal, do Estado Livre de Orange, e agora do infeliz Transvaal.

*

Logo em 1770 começaram os boers a retirar-se para o sertão, a fim de se collocarem quanto possivel, fóra do alcance dos seus oppressores crueis, que, para usarmos as suas proprias expressões, «os haviam «tratado como meros instrumentos para augmentar «o poder da Companhia e os emolumentos dos seus «empregados.»

A esse tempo, 1780, não constava de mais de 8027 individuos toda a população branca da Colonia do Cabo; e este pequeno numero já se tinha espalhado n'um territorio até mais de 500 milhas da cidade do

¹ Traducção da palavra *pioneers*, que significa os primeiros desbravadores d'aquellas incultas regiões.

Cabo. Empregaram-se esforços para os trazer mais para o pé do centro da acção administrativa, mas nada se conseguiu. E parece que o general Janffens tinha já desistido d'isso, quando em 1795 escrevia que «para se obstar a este abuso, seria necessario um governo mais energico, e tambem habitantes mais susceptiveis de raciocinarem.» Os boers pelo seu lado encaravam a coisa diversamente, com quanto elles comprehendeffem os males a que a sua dispersão dava lugar. Respondendo ás auctoridades que os censuravam por se elles deixarem apoderar d'aquelle espirito de jornadaear incessante, diziam «que a grande «diffeминаção da população, nascia principalmente de «que o governo monopolifava o mercado, não lhes «permittindo a elles faidas para os seus productos, «que não podiam consumir nem exportar com um «lucro satisfactorio.»

Outro resultado d'este vicioso systema do monopolio, e que até certo ponto deixou vestigios nos seus descendentes, foi o afastal-os dos seus governantes, levando-os a considerar estes como seus naturaes ini-

migos. Infelizmente este sentimento não tendeu a diminuir, quando se lhes apresentaram as primeiras mostras do dominio colonial inglez.

*

Sob o governo precedente o regimen tinha sido essencialmente despotico; e os venaes e corruptos magistrados, ou Landdrofts, dos districtos mais longinquos, tinham pelos seus actos crueis e injustos levado o povo quasi á desesperação. Este despotismo era comtudo temperado por fraqueza, sob o dominio da Companhia Hollandeza. Mas quando os inglezes se tornaram senhores, elles não só conservaram no poder os antigos tyrannos, mas até robusteceram os seus julgamentos arbitrarios com o auxilio de tropas britannicas. A intenção era talvez boa, e queria conciliar os boers deixando patricios seus nos empregos; mas como era, e é ainda, extrema a ignorancia de tudo que diz respeito a colonias, na repartição, que de uma distancia de 7000 milhas pretende governal-as, protegeu-se a injustiça que até ali ti-

nha reinado, e introduziram-se tropas destinadas a darem força ás auctoridades de Inglaterra.

Já era natural que os boers antipathissem com aquelles que tinham sido seus antigos inimigos, e que eram agora os invasores da sua nova patria adoptiva; mas apesar d'isso, se o paiz tivesse logo de principio sido bem governado, não é improvavel que os seus habitantes houvessem apreciado o beneficio da mudança, e esquecido gradualmente a sua averção.

Não se realisou isso porém, e em vez de diminuir a sua antipathia, foi ella augmentando até finalmente attingir as proporções de uma rebellião, que fez encarcerar os chefes de um certo numero das mais respeitaveis familias.

Este tragico acontecimento nunca será esquecido pelos boers da Africa Austral. Seis d'esses chefes foram condemnados á morte; cinco d'entre elles foram justicados, e o 6.^o foi degradado por toda a vida. Estes infelizes, com a mais refinada crueldade, foram reunidos no logar onde os conspiradores primeiramente se tinham reunido; mas a força não ten-

do a necessaria robustez para supportar o peso d'aquel-
les individuos, caiu com elles em terra! Seguiu-se
uma scena dolorosa e deixou a impressão que ainda
hoje ali existe: os padecentes e as suas familias que
até ali os haviam acompanhado na ultima despedi-
da, encararam a queda do cadafalso como a inter-
posição da Providencia, e entregando-se á crença po-
pular de estarem agora legalmente libertados, exclamaram em altas vozes pedindo graça. Nada lhes valeu isso: vieram as tropas, apoderaram-se das victimas, e praticaram uma segunda execução em condições de inaudita barbaridade.

*

Depois d'estas, houve ainda outras causas que conservaram o fermento, e que separaram ainda mais do governo britannico o povo hollandez. Os lavradores das fronteiras tinham durante annos padecido os roubos e depredações dos cafres, e faltando-lhes a protecção da Inglaterra, tinham-se, com melhor ou peor exito, defendido d'elles, castigando-os como

mereciam os seus indomitos vizinhos. Mas no anno de 1833, tudo isso mudou. O povo, que estava trabalhando para a rapida abolição da escravidão, não se contentou de pôr em pratica a sua benevola obra; e para excitar sympathias pela sua causa na Inglaterra, encarregou agentes seus de divulgarem por toda a parte os casos conhecidos de maus tratos aos indigenas. Alguns d'estes agentes eram bem pouco escrupulosos, e a historia dos boers foi d'então em diante composta de atrocidades assim obtidas e apresentadas depois ao parlamento. O resultado d'isto foi que não sómente se praticou uma monstruosa injustiça ao caracter de uma grande fracção de um povo bom e digno: mas até se aboliu o systema de defesa propria que até ali tinha funcionado bem e com pequeno dispendio do governo britannico, compromettendo se o governo d'ali para o futuro a proteger a colonia com tropas da metropole. Os colonos, e com especialidade os boers, acharam por experiencia propria, que uma cousa era prometer e outra cumprir.

Em vez de serem protegidos, achavam-se agora colonos mais do que nunca á mercê dos cafres, não tendo sequer o direito de se protegerem a si próprios quando atacados. Não admira pois que elles afinal se vissem obrigados a buscar uma nova patria. Foi enquanto se planeava este projecto, que se operou a emancipação dos escravos, e que de um rasgo os colonos se acharam privados d'aquillo que até áquelle momento tinha constituido a sua propriedade legal, e pela qual se lhes offerecia em compensação, em vez da totalidade do valor como pelos philanthropos havia sido promettido, menos de um terço da avaliação feita pelo governo!

Tem-se dito sempre até hoje que os boers deixaram a colonia do Cabo por causa da emancipação dos escravos; mas nada mais infundado e falso: já entre elles se tinha formado uma sociedade para a gradual extincção da escravidão, e a libertação de muitos escravos já tinha sido feita antes de se publi-

car o decreto de Inglaterra. Os colonos abandonaram a colonia do Cabo porque não recebiam protecção contra os indigenas, e porque não confiavam n'um governo que, em primeiro logar tinha faltado á sua fé dando curso forçado ao seu papel moeda, quando se apoderaram da colonia, por um terço do seu valor nominal; e que depois, quando promettia indemnisal-os pela libertação dos escravos, só lhes deu um terço do seu valor, e ainda assim em letras sobre a Inglaterra, que elles tinham de negociar com agentes pouco honestos e especuladores.

A causa mais forte de descontentamento, e que mais immediatamente levou os colonos á sua primeira emigração, foi a annullação da politica do governador do Cabo sir Benjamin D'Urban, e a injusta censura que se lhe fez pela guerra cafreal em que elle se envolveu, e em que os indigenas foram os aggressores; guerra que occasionou aos boers e aos colonos inglezes das fronteiras a perda de 300:000 cabeças de gado e cavallos, e de 800 habitações ruaes saqueadas e incendiadas.

Foi isto, e não (como falsamente o dizem os suppositos humanitarios detractores dos boers) o amor que os boers tinham á escravidão, que motivou a sua primeira expatriação, e que n'elles enraizou tão fundo a antipathia, não á Inglaterra ou aos inglezes, mas ao regimen de governo colonial britannico. Elles não queriam então, como hoje não o querem os inglezes da colonia do Cabo, ser regidos por uma secretaria em cujas vistas influem as alterações da alta politica europeia, e que publica decretos de uma distancia de 7000 milhas.

Deve dar alguma idéa do que deveram ser os padecimentos dos boers n'esse tempo, pela falta de protecção, a citação seguinte de um requerimento apresentado pelos colonos britannicos; tem a data de 1835, praço aproximado do começo da primeira jornada; e diz: «Que logo que chegaram os colonos inglezes em 1819 começaram os indigenas as depredações e incurfões em maior ou menor escala nos districtos da fronteira, atormentando os lavradores, e despojando-os em diversas occasiões, de parte das

«suas propriedades e haveres, acabando de matar
 «muitos habitantes, de incendiar as suas habitações,
 «de levar os gados e outros objectos, e finalmente
 «reduzindo quasi toda a população da fronteira a um
 «estado de extrema miseria.»

O capitão Stochenstrom, que depois veiu a ser go-
 vernador, official de grande experiencia e de reconhe-
 cida bondade, deu um valioso testemunho d'isto no
 seguinte excerpto: «Esperar-se, diz elle, que os co-
 «lonos se submetessem passivamente a serem rouba-
 «dos todos os dias, e que vissem as suas vidas e as
 «de suas familias em constante perigo de serem vi-
 «ctimas dos selvagens, cuja existencia dependia só da
 «sua paciencia, sem que fizessem um unico efforço
 «para se libertarem da mendicidade que os ameaça-
 «va, seria exigir um demasiadamente grande sacrifi-
 «cio de sentimentos naturalissimos.»

*

Os boers tinham bastantes sentimentos naturaes;
 tinham aquelle sentimento que impelle todo o ho-

mem a defender a sua propria vida e a de suas familias, e por isso elles preferiram lançar-se nos males innumeraveis inherentes á busca de uma nova patria no deserto, a terem de supportar aquelles que tanto os perseguiam no paiz que atraz deixavam. E dizem mais ainda hoje, e repetiu-se ainda ha poucos dias n'um folheto publicado pela sociedade anti-esclavagista, que os boers deixaram a colonia para se eximirem ao cumprimento do decreto de emancipação. Taes invenções e exaggerações porém, não eram de espantar, porque mesmo aos inglezes foram feitas n'essa occasião as mesmas censuras quando n'um requerimento dirigido ao rei de Inglaterra elles se queixavam de «que a ignorancia e o enthusiasmo teem-se ha muito insinuado, e enganado a credulidade de uma generosa nação, fazendo correr os boatos mais «parciaes e falsos, justificando ou atenuando innegáveis violencias dos selvagens, exaggerando as arbitriedades dos colonos quando as havia, ou inventando-as quando ellas só existiam nas ardentes imaginações de escriptores parciaes e enthusiasmaticos.»

*

Levados por todas estas causas a procurarem alivio na fuga para o interior, os boers encaminharam-se pacificamente até Natal; e depois de terem feito com o rei Dingaana dos zulus um tratado para a occupação d'aquelle paiz, então quasi de todo deserto, foram por elle traiçoeiramente atacados, lutaram, em força de quatrocentos e sessenta apenas, venceram completamente os zulus, e estabeleceram-se nas fazendas ruraes que fundaram. Comtudo em 1843 tiveram que ceder perante as tropas mandadas de Inglaterra, e novamente retiraram para o territorio de Orange. A posse d'esse paiz foi lhes ainda disputada em 1848, e depois da batalha de Boom Plaats, retiraram afinal os boers para o Transvaal.

*

Traz-nos isto naturalmente á época em que os pioneiros avançados se affentaram permanentemente, fendo-lhes pela Inglaterra reconhecida a sua independen-

dencia, e portanto interromperemos aqui por um momento esta historica narrativa, a fim de nos occuparmos de negocios de interesse mais domestico e particular ácerca dos boers.

— Julgámos dever intercalar só aqui essas noticias, a fim de que o leitor já estivesse preparado com o conhecimento dos principaes incidentes que influiram em crear e dirigir os habitos e opiniões do povo que lhes estamos descrevendo. Não deve de certo ter sido facil tarefa para aquelles veteranos que deram os seus nomes a tantas das principaes povoações de Natal e do Transvaal, o resolverem-se a deixar o paiz do seu nascimento, e a encararem todos os perigos e privações com que se viram a braços. Significava isso o abandono dos seus mais proximos parentes e amigos, das suas egrejas e do seu sacerdote, do mestre escola, e em vez d'isso tudo o encontro diario com hordas de selvagens, os perigos de climas desconhecidos, e de muitas especies de animaes ferozes que infestavam as planicies do interior.

Quando formos chamados a julgar do caracter do

boer pioneiro de hoje, é simplesmente justo que se dê um certo desconto ao meio em que elle viveu e que o deveu influenciar. Sabendo nós o que já temos visto de tudo que elles no passado, e ainda nos ultimos tempos, teem padecido, não devemos espantarnos de que os seus sentimentos para com as raças indigenas não sejam exactamente aquelles com que os encaramos através da suavifadora influencia de uma distancia de 7000 milhas.

Devemos igualmente recordar-nos de quanta animosidade se tem entre as duas raças levantado, com a parcial e pouco discreta defeza que a causa do preto sempre encontra nos suppostos amigos philanthropos da Europa. Se elles são ou não realmente amigos, que o diga um d'entre elles que escreveu sobré o assunto. Refiro-me ao sr. Bladen, embaixador da Liberia na côrte de Londres, o qual não se vexa de fazer alardo do seu puro sangue negro, acrescentando que aquelles campões da humanidade teem feito á causa do preto mais mal, do que os seus proprios mais acirrados inimigos.

Mas comquanto digamos que se deve dar o devido desconto ás circumstancias do meio em que os boers viveram, não queremos com isso dizer que elles tenham muito de que devam córar. Foi este seu mesmo desprezo pelo cafre pagão, que os conservou puros dos vicios com que outras nações em egualdade de circumstancias se tem deixado contaminar. É certo que elles levam muito mais longe do que as nossas modernas theorias acham justo, as suas noções de desigualdade de raças; mas devemos sempre recordar-nos de que se jámais houve viver pratico, é o dos boers um d'elles. A sua vida é de trabalho positivo e real, e não lhes sobra tempo nem vontade para especulações theoricas. Sabem elles que, na situação em que se acham, em pequeno numero, e cercados de hordas de barbaros, um dos dois elementos, o seu ou o dos indigenas deve predominar; e por isso não admira que elles se tenham empenhado em evitar que a outra raça preponderasse. Nós podemos perfeitamente ser mais que generosos para com o negro que por acaso apparece

entre nós; podemos mesmo enfeitá-lo como um macaco, e fazer d'elle um objecto de curiosidade. Também n'aquellas colonias em que predomina a raça branca, podemos admittir os nossos vizinhos escuros a todos os privilegios sociaes e politicos; mas isso é de todo em todo impraticavel no Transvaal, onde existe um branco para cada cem indigenas, e esses mesmos selvagens. Ali, se a raça branca tem de permanecer, tem de conservar o indigena em distancia e n'uma condição inferior.

*

Quando os boers se encaminharam primeiramente para o interior, não foi só com os indigenas que elles se encontraram, e que varias vezes tiveram de lutar. Antes de poderem viver em segurança com os seus gados e manadas, tiveram em primeiro logar que destruir as immensas feras que os cercavam. Ainda se citam muitas proezas dos combates com os leões, com as hyenas, e outras feras, que por toda a parte pullulavam. Em toda a vasta area do que

hoje é o Estado livre de Orange, e n'uma grande parte da do Tranfvaal, não havia um unico ser humano, com excepção de uma forte tribuinha de Bushmans que só viviam em tocas e cavernas. Tudo fôra anteriormente affolado e devastado pelo potentado Mozilikatze, rei dos Matabeles, e por isso mesmo o paiz foi depois mais defassombradamente occupado por enormes manadas de caça brava, e pelas feras de que acima fallámos. Viviam os boers no principio sempre de espingarda na mão, já para grangearem o sustento, já para resistirem ao ataque dos leões, ou aos falteadores das altas horas da noite; theor de vida dos mais proprios para fazer do boer o magnifico pioneiro que ainda hoje é. Mas para se matarem leões e se arranjar carne para o jantar no Tranfvaal não basta só ter-se uma espingarda; é preciso saber fazer uso d'ella, e ter polvora e chumbo; e estes ultimos artigos são ali, como é natural, dispendiosissimos. É por isso que os boers aprenderam ha muito a nunca esperdiçarem um tiro. Como exemplo d'isso citaremos o seguinte caso por nós preferen-

ciado: Um pastor Bushman entrou na casa do seu patrão uma tarde, depois de ter acabado o trabalho do dia, e tendo-lhe apresentado uma gazella magnifica, sentia-se embaraçado para lhe devolver um unico cartuxo, de tres que tinha levado. O patrão ao recebel-o, olhou para elle encolerifado e exclamou furioso:

— Onde está a outra carga?

Para encurtarmos razões, e vendo que o pobre pastor ia talvez ser severamente castigado por ter espendido uma carga de espingarda, diligenciámos amaciar o bom do boer.

— Porque motivo, disse elle então, me esfragou este defaistrado um cartuxo que me custa tão caro? Se não fosse estar você aqui, havia de castigal-o; e se fosse meu filho nem você o livrava.

Mas além de nunca errar o seu alvo, o pioneiro boer tem sempre que estar prompto para entrar em acção. Não é só a arma que está carregada e prompta; todos os seus modestos artigos de mobilia e arranjo domestico estão sempre em tal ordem, e tanto á mão,

que em menos de uma hora pode o boer acondicioná-los em uma ou duas carretas, e abalar.

*

Vão de tempos a tempos á Africa do Sul certos viajantes, que ao regressarem escrevem livros ou divulgam em periodicos as suas impressões; e pelo facto de não concordarem as idéas que elles teem da gentildade com os habitos e costumes dos boers, deffazem-se em invectivas contra elles. Por exemplo: um boer deita-se sempre meio vestido; e isso provém de ter elle de estar prompto ao primeiro signal de alarma, logo que o latido dos cães lhe annuncia que um lobo ou um ladrão lhe entrou no curral. Nunca se vê desprevenido: o cavallo espara-o na estrebaria, a espingarda no cabide proprio, ao alcance da sua mão, cuidadosamente limpa e carregada; as suas botas grossas de campo ao lado da cama; e enquanto o nosso tal viajante ainda effrega os olhos, já o boer está a cavallo e armado, e animando os cães em perseguição do ladrão nocturno.

Não citamos casos isolados, porque quando se descreve o viver de um boer, descreve-se o de todos elles. Levantam-se muito antes da luz do dia, e a primeira coisa que logo de manhã se ouve é a voz argentina das mulheres junta á voz mais grave dos homens entoando um psalmo. Apparecem logo os creados pretos pressurofos e humildes, e sentando-se no chão, tomam parte n'esta oração matinal, gratos pelo privilegio que assim se lhes concede. Toma-se depois o café, e repete-se varias vezes pelo dia adiante. Com quanto as refeições sejam frugaes, a cozinha é sempre de perto vigiada pelas senhoras da casa, e sempre boa e abundante. Todos os boers varões teem que aprender um officio; e assim, apesar de trabalhar o boer raras vezes para outrem, excepto por necessidade ou amidade, está elle apto a construir e concertar a sua carreta ou o arado, a fazer o calçado para si e as ferraduras para os cavalloos, e inclusivamente o caixão em que tem de ser baixado á sepultura.

Como se pode supôr pela vida que levam, os boers não são sábios, apesar de que raro será aquelle que não souber ler e escrever. Diz-se que o actual commandante Joubert tinha já 19 annos quando viu o primeiro jornal, e ainda assim, todos os que o tratam veem que os seus conhecimentos tanto em historia antiga como nas questões politicas da actualidade, estão longe de ser vulgares.

*

As mulheres desempenharam um papel não inferior ao dos homens em varias occasiões criticas das suas peregrinações; e houve muitas que estavam junto aos seus maridos, carregando-lhes as armas até cairem ao seu lado mortas de cansaço. Defendiam-se contra os ataques das legiões do Dingaana, e mais de uma vez uma mãe tem morto um leopardo que se acercou do berço de seu filho. Taes casos, (podemos bem suppor-o) não eram raros n'um genero de vida onde um dia se não passava sem incidente ou nova aventura.

Voltamos agora atraz, ao ponto em que aos boers foi reconhecida a independencia. A perseguição de que durante 40 annos haviam sido victimas, estava agora, pensavam elles, terminada; e a independencia dos lavradores emigrantes era d'ali em diante garantida pela rainha de Inglaterra. Isto, differam os boers, não é um acto de um governador colonial, acto que pode ser ignorado e não confirmado; mas é um tratado solemne celebrado por parte de Sua Muito Graciosa Magestade, por commissarios seus enviados especialmente para esse fim. Em virtude d'esse tratado compromettia-se o governo britannico a dar-lhes o direito de gerirem os seus negocios internos, e de se governarem conforme leis suas, sem intervenção de especie alguma por parte do governo britannico.

Estipulava-se igualmente que o mesmo governador não faria usurpações para o Norte do rio Vaal.

Sua Magestade rejeitaria igualmente quaesquer al-

lianças com as tribus indigenas do Norte do rio Vaal, e annua a prohibir a venda de munições de guerra aos indigenas. Mas quando se fez este tratado não se podia adivinhar que no Transvaal havia diamantes; porque logo que estes foram descobertos celebraram-se allianças com os cafres, em vista das quaes elles cediam ao governo britannico os seus suppostos direitos ao territorio diamantifero; e os governadores logo fizeram pressão sobre as duas republicas com o fim de lhes tomarem aquella porção do paiz nos interesses, diziam elles, da civilisação, do christianismo e... do commercio!!

Outro artigo do tratado em breve teve a consideração do precedente. Abriu-se immediatamente um perigoso mercado de armas de fogo e munições de guerra para os indigenas, no qual, segundo as declarações do general sir Arthur Cuninghame, que durante cinco annos commandou as tropas da rainha no Cabo, se venderam em dois ou tres annos 400:000 espingardas aos indigenas habitantes e vizinhos do Transvaal! Cada arma d'estas pagou um imposto de

10 shillings por cano, e apesar de terem originariamente custado 4 ou 5 shillings foram vendidas aos cafres por £ 7,10 cada uma! Algumas d'ellas foram adquiridas por pretos da tribu do Langabalele e levadas por elles para Natal. Penfavam estes ingenuos cafres, que se era legal comprar as armas ao governo britannico nos campos dos Diamantes, tambem seria legal continuar a possuil-as sob o mesmo governo britannico em Natal. Não succedeu porém assim; e quando, depois de intimados para as largarem, alguns se oppuseram a fazel-o, toda a tribu foi atacada, e quasi de todo exterminada, ficando o regulo Langabalele prisioneiro de guerra e encarcerado na cidade do Cabo onde ainda jaz; e isto só porque sir Henry Barkly governador do Cabo, quebrou em nome de Sua Magestade, o tratado solemne celebrado com os boers em seu nome.

*

Tudo isto foram consequencias da annexação dos Campos dos Diamantes, acto que tambem foi praticado por sir H. Barkly em manifesta violação dos

tratados celebrados com as republicas de Orange e de Tranfvaal. Basta a este respeito dizer-se, o que um auctorifado julgador escreveu; o historiador Froude classificou este acto em duas palavras: «A annexação das minas dos diamantes, é talvez o incidente mais indecoroso da historia colonial britannica.» Mas isto foi escripto *antes* da annexação do Tranfvaal!

Em consequencia do descredito em que a colonia tinha caido depois da questão do Langabalele, foi fir Theophilo Shepstone, que então era secretario dos negocios indigenas em Natal, deputado pelo governador de Natal em conselho, para ir a Inglaterra, a fim de fer na Europa o defensor da colonia perante o ministerio. O resultado da sua defeza foi porém infeliz para os seus constituintes, porque o governo de Natal foi violentamente censurado, e o governador fir Benjamin Pine demittido. No emtanto parece que fir T. Shepstone teve melhor exito a respeito de si

proprio, por isso que foi agraciado com o titulo de baronete, conciliando tanto as boas graças do ministro Lord Carnarvon, que obteve o ser mandado como commiffario especial ao Transvaal, com o modesto intuito de investigar as causas dos disturbios intestinos que ali havia.

Aproveitando-se da crise de estar proxima uma eleição presidencial, sir T. Shepstone penetrou no Transvaal seguido a uma certa distancia por um regimento inglez, que recebeu instrucções de esperar nas fronteiras por um signal para avançar. N'essa occasião os zulus, sobre quem se dizia que S. Ex.^a tinha completa influencia, começaram pela primeira vez a mobilizar as suas forças nas proximidades da fronteira do Transvaal; e segundo o disse o bispo Colenso e se creu no Transvaal, este movimento foi feito a instigações de sir Theophilus. Seja porém como fôr, o certo é que elle mandou agentes adiante de si sollicitando assignaturas para petições em favor da annexação, e parece que alguns boers chegaram a assignar; mas só porque, não comprehendendo elles o

inglez, foram illudidos ácerca do conteudo d'esses documentos!!

Á sua chegada a Pretoria fingiu-se uma investigação ás condições do paiz, a qual não passou de uma phantasmagoria, e depois de alguns preliminares com o presidente Burgers, cujo tempo de governo estava a expirar, e que não tinha probabilidade de ser reeleito, leu-se uma bella manhã a proclamação da annexação, sem prévio annuncio, e apenas na presença de alguns poucos habitantes inglezes de Pretoria.

Por esse acto, passou o Transvaal a ser de um momento para o outro propriedade da Inglaterra, e por conseguinte todos os habitantes foram devidamente intimados a desistirem de opposição, e a submeterem-se ao novo governo sob pena de severos castigos.

Disse-se posteriormente que a annexação se realizou sem sombras de violencia, e que tanto o governo como o povo do Transvaal annuiram a ella.

É certo que sir T. Shepstone não tinha comfigo

tropas, mas tinha-as na fronteira promptas a avançar á primeira voz. E não foi negado ainda, que por uma singular coincidência os seus particulares amigos zulus, sobre quem elle se gabava de ter influencia, tivessẽ mobilizado o seu exercito, logo que elle atravessou a fronteira. Não. Sir T. Shepstone não ufou da força, mas disse aos boers que, se tivesse de retirar, feria para dar logar aos homens da espada; e tambem lhes perguntou o que fariam elles se elle levantasse mão do Ketchwayo, cujas forças, como diffemos, já estavam em movimento!

*

Já vistes que o Transvaal estava em risco imminente de ser invadido pelos zulus, e que o paiz fôra annexado para lhe evitar uma completa destruição. Mas ouvi o que o proprio sir T. Shepstone disse ácerca do assumpto dez mezes depois da annexação. Escrevia ao governador de Natal ácerca da questão de limites com os zulus o seguinte: «Praticamente a «linha das fazendas occupadas, não tem até agora

«fido prejudicada pela disputa ácerca da linha de
«fronteira; mas *agora* a prohibição da occupação
«d'estas tem-se tornado absoluta, em virtude das re-
«clamações e actos dos zulus. *A ruina* apresenta-se
«inevitavel aos lavradores; e a sua posição é actual-
«mente peor do que nunca o foi sob o regimen re-
«publicano.»

Não, o snr. Shepstone nunca usou da força, mas disse peremptoriamente: *deveis*. Supponhamos que a Inglaterra mandava á America um embaixador por occasião de uma contestada eleição presidencial, collocando a sua esquadra e o seu exercito do Canadá em movimento, intrigando a população negra com o fim de influir no acto nacional! Pensaes que a America concordaria que se não tinha empregado a força e aceitaria tal circumstancia como desculpa dos males praticados?

O Transvaal (dizem elles) foi annexado para livrar os cafres de serem destruidos pelos boers, e tambem para livrar os boers de serem destruidos pelos cafres. A falta de um dos argumentos ficava o outro de pé.

O primeiro argumento era, que os boers queriam a annexação; depois que os boers estavam em perigo por causa dos cafres; e por fim, disse-se que a Allemanha queria apoderar-se do Tranfvaal.

Não tentaremos responder a todos estes argumentos, porque, ainda no caso de serem postos de parte, qualquer conservador em Inglaterra terá um novo argumento ao seu dispor.

Vamos porém dizer uma ou duas palavras ácerca das guerras dos zulus e do Secocoeni. Quando os boers pegaram em armas contra o Secocoeni por causa das depredações contra elles commettidas pelo seu povo, lord Carnarvon protestou contra a guerra, chamando-lhe injusta e improvocada; e sustentou que o Secocoeni era um monarcha livre e não vassallo do Tranfvaal, e que portanto não podia ser considerado rebelde. Publicou uma proclamação em que prohibia aos subditos britannicos o pegarem em armas, apesar de estarem a viver então sob a protecção da república. Prohibiu a aquisição de munições de guerra pelos boers, e escreveu longos officios ácerca

da versão em que se admittia que os boers ufavam de balas explosivas, e ácerca da deshumanidade de se fervirem de alliados indigenas.

*

Vejam agora o que fez fir T. Shepstone e o governo conservador, ao tomarem conta do paiz. Logo depois da annexação, fir T. Shepstone mandou ao Secocoeni uma mensagem nos seguintes termos: «S. «Ex.^a fir T. Shepstone deseja que o Secocoeni lhe «faça saber sem demora se lhe convem conservar-se «como vassallo, ou deixar o paiz que presentemente «occupa. As 2000 cabeças de gado promettidas pelo «Secocoeni ao governo transacto, serão pagas sem «demora. Todos os indigenas, e especialmente os «seus chefes que quizerem continnar a residir como «vassallos da grande Rainha, deverão pagar os impostos que lhes forem lançados.»

Assim, vê-se bem que apesar de lord Carnarvon ter dito áquelle regulo que elle não era vassallo do Transvaal, fir T. Shepstone lhe diz que elle deve deixar o

paiz que occupava, ou confiderar-se vaffallo, e pagar os tributos que lhe forem impostos por S. M. B. Lord Carnarvon disse que a guerra era injusta e de aggressão; fir T. Shepstone diz-lhe: deveis pagar a multa imposta por effes *injustos e aggressivos* boers, se desejaes continuar a residir no paiz.

É para admirar como n'estas circumstancias o Secocoeni se recusou a fazer o que d'elle era exigido; e onde, perguntaremos nós, está a justificação da aniquilação posterior da sua tribu, aniquilação que foi a consequencia da sua recusa?

E porque o Secocoeni não quiz pegar em nenhuma das pontas d'este dilema foi mandado contra elle o coronel Rowlands, não com balas explosivas porque isso feria *desumano e mau*, mas só com balas de artilheria, bombas e granadas. Apesar de todos estes engenhos mortiferos não teve melhor exito do que os boers em penetrar no montanhoso paiz do Secocoeni. Depois a Inglaterra escolheu o seu melhor general e mandou fir Garnet Wolseley contra o Secocoeni.

Vendo poucas probabilidades de abrir caminho entre as quebradas impervias e precipicios com os seus soldados, mais bem avisado andou fir Garnet usando dos alliados com que os boers tinham tambem em tempo tratado, e mandou buscar alguns milhares de Muffuates, antigos inimigos do Secocoeni. Nunca nos constou se lord Carnarvon, ou a Sociedade protectora dos aborigenes, protestou n'essa occasião; o que sabemos é que os Muffuates foram os principaes elementos do triumpho, e affaffinaram muita gente desde pela manhã até á noite no memoravel dia da batalha. Estamos informados por pessoa fidedigna de que a tribu foi para assim dizer extincta, e de que os Muffuates só deixaram com vida as mulheres e creanças que valia a pena escravisar. Tal foi a intervenção *amigavel* ingleza para salvar o Secocoeni das garras dos boers!

*

Analysemos agora a outra questão do Tranfvaal. Uma das maiores accusações que ao Tranfvaal se faziam, era a de se elles irem gradualmente apropriari-

do do territorio zulu. O Ketchwayo, a quem em Natal davam ouvidos, mais de uma vez se queixou n'esse sentido; mas nunca o fez directamente á republica. As suas queixas foram sempre levadas ao conhecimento da Inglaterra e do Transvaal, e eram assumpto de muitos e importantes officios. *O modo-boer de adquirir territorio*, como então se dizia, foi intencionalmente exaggerado, não restando a minima duvida no animo dos empregados de Inglaterra e de Natal, sobre affentarem em bases fracas as pretensões dos boers ao territorio disputado. N'este caso a annexação bem como no do Secocoeni, teve um maravilhoso effeito no sentido de aclarar a questão; porque pouco tempo depois d'ella se realisar declarava fir T. Shepstone ao secretario de estado, que, depois de *maduro* exame, se *convencera* de que os direitos dos boers estavam «*provados pela mais clara, incontrouersa e positiva evidencia.*»

Logo que o Ketchwayo percebeu que o tinham ludibriado, irritou-se, segundo era de esperar, como se deprehende de uma carta de fir T. Shepstone para

o ministerio, em que elle relata a mudança operada na attitude do seu antigo *amigo e alliado*. «Nada me «surprehendeu mais, diz elle, do que o espirito infolente, aggressivo e desconfiado com que fui recebido pelos conselheiros do rei.» Já se vê que esta attitude foi considerada muito impertinente; e assim, com o fim de lhe pôr termo, sir Bartle Frere mandou-lhe um ultimatum para que elle dissolvesse o seu exercito, ou os seus *engenhos de morticinio*, como lhe chamava; que permittisse aos seus guerreiros o casamento; que o seu povo se tornasse christão, e que, se não fizesse tudo isto, e muito mais, dentro de um certo prazo, elle sir Bartle Frere lhe invadiria o paiz.

Foi este o principio da guerra dos zulus, que tantas vidas e tanto dinheiro custou! Os zulus foram afinal batidos, e o seu rei feito prisioneiro, sendo esta a fórma por que foram salvos do mau tratamento dos boers!

*

Levantou-se depois uma grande indignação, porque os boers se não mostraram gratos aos *sacrificios*

feitos para os salvar dos Zulus. Os boers porém não são bons raciocinadores; e por isso não percebem o que a seu favor se dizia realifado; ou então pode ser que por serem muito ingratos elles tivessem preferido ser deixados fós com a sua independencia.

A verdade é que tanto uma como outra guerra foram as mais injustas que até hoje tem havido na Africa Austral. Causaram a destruição de maior numero de indigenas do que todas as que o Transvaal tinha tido; e n'uma d'ellas commetteram-se atrocidades superiores ás que attribuiam aos boers os seus mais ferrenhos detractores.

Em preferença de taes factos não tentaremos responder aos argumentos hypocritas com que se pretende justificar a annexação, pela caridade para com os negros. Accusam os boers de esclavagistas e de tratarem mal os indigenas. Vivemos dez annos no paiz, não dentro de um escriptorio ou por detraz de um balcão, mas quasi sempre viajando e convivendo com os boers; e affirmamos que a accusação é completamente falsa. O systema de aprendizagem é o

mesmo que se usa na colonia do Cabo e no Natal; e se ali havia um unico escravo, desejaríamos saber quando foi elle libertado, desde que os redemptores dos pretos ali installaram a sua soberania. Sir Wilfrid Lawson, offereceu um premio de £ 10 por cada escravo que fosse libertado; mas até hoje não teve ainda occasião de cumprir o offerecimento.

*

Voltemos agora ao mau tratamento infligido aos indigenas. Ha no Transvaal 40:000 boers e 800:000 negros; durante a ultima guerra todos os boers capazes de pegar em armas se empenharam na lucta contra os que vieram ao Transvaal protegel-os dos cafres: enquanto ausentes deixaram as suas mulheres e filhos, e todo o seu gado e haveres, no meio d'estes 800:000 selvagens, que elles estavam habitua-dos a maltratar; e quando voltaram aos seus lares, viram que os indigenas não tinham feito a minima vexação. Perguntaremos agora: pode haver maior prova da evidente falsidade de semelhante accusação?

*

Agora poder-se-ha perguntar, quaes foram as verdadeiras causas que levaram á annexação? A resposta é simples.

1.º Lord Beaconsfield desejava dilatar os dominios do imperio britannico; portanto lord Carnarvon deu a Sir T. Shepstone instrucções amplas para fazer a annexação.

2.º Sir T. Shepstone preferiu ter £ 2500 por anno como governador do Transvaal a ter £ 800 que percebia no Natal como secretario dos negocios indigenas.

3.º O povo de Natal temeu que, se o Transvaal continuasse independente, se viesse a fazer o caminho de ferro para Lourenço Marques, perdendo assim 80:000 a £ 100:000 por anno nos seus rendimentos aduaneiros.

Das duas primeiras causas nada mais diremos; não deixaremos porém de evidenciar a ultima.

Á inveja de Natal deve o Transvaal todos os seus infortunios; inveja de que tambem participavam os

advogados do imperio universal da Inglaterra. Foi isto que produziu todas as accusações de escravatura e maus tratos, e foi isto que produziu o acto de infame hypocrisja que teve logar a 12 de abril de 1877.

O caminho de ferro de Lourenço Marques é absolutamente necessario para assegurar a independencia do Transvaal. Foi com este fim que estivemos em Lisboa em 1874, e que tivemos o prazer de encontrar o mais cordial apoio no snr. Corvo. Em 1875 o mesmo illustrado estadista celebrou com o presidente Burgers um tratado para a construcção do caminho de ferro; e foi elle ainda, que, quando se supoz que o Transvaal estava irremediavelmente condemnado a ser colonia britannica, fez todos os efforços para assegurar para Lourenço Marques o commercio do Transvaal. Parece-nos justo aproveitarmos d'esta occasião para reconhecermos a divida de gratidão para com o snr. Corvo, por nos ter tão promptamente auxiliado no sentido que indicámos, nas duas occasiões que tivemos o gosto de tratar com S. Ex.^a no interesse da republica.

Mas agora as circumstancias estão mudadas: e como mais uma vez o Transvaal se declarou independente, mais necessario se torna ainda que o caminho de ferro se estabeleça immediatamente. Actualmente o Transvaal está amarrado de pés e mãos. Enquanto não tiver communições com o mar, a sua independencia é uma phantasmagoria; e portanto voltamos para Portugal as nossas vistas, para que favoreça a causa das nacionalidades fracas, e para que nos salve da inveja e sofreguidão dos Estados vizinhos, e com especialidade do Natal. Se ha circumstancias que impeçam a construcção immediata do caminho de ferro, lembramos ao menos a immediata construcção de uma estrada, cujo traçado já foi estudado, que habilitará ao começo do trafego; e que fará mais ainda, dar-nos-ha esperança. Percorremos toda a linha do traçado e podemos afiançar que para se fazer uma estrada carreiteira regularmente viavel para aquelle paiz, a despesa não excederá 4 ou £ 5000.

Digamos agora duas palavras ácerca do futuro.

Todos sabem que recursos e que area tem o Transvaal; é um paiz do tamanho da França; encerra diamantes, oiro, cobre, chumbo, estanho, nikel, prata e carvão, e este em enormes jazigos. Produz tudo que é necessario para os usos da vida: lã, algodão, café, affucar, cereaes, e fructas de toda a especie. O clima é tão bom como os melhores do mundo.

Pelo que respeita ao seu porto natural, Lourenço Marques é o unico porto da Africa Austral, e o unico de que o Transvaal pode com vantagem utilizar-se. A bahia é vasta bastante para poder conter todas as esquadras do mundo; e estas podem fundear com perfeita segurança, e tão perto da terra quanto possa imaginar-se.

Que mais condições se podem ambicionar para constituirem no seu conjuncto os elementos essenciaes para a formação de um grande paiz?

É impossivel assignar limite ao futuro desenvolvi-

mento de Lourenço Marques logo que se tenha construido esta pequena secção de 40 milhas de via ferrea. Podemos porém desde já dizer e prognosticar que virá a ser o mais vasto emporio do commercio da Africa Austral, e o deposito de carvão de todo o Oriente.

*

Já tivemos occasião de telegraphar para o Transvaal enviando áquelles que ali luctam pela liberdade a esperanza e a animação. Agora pouco mais falta para que a ultima palavra se profira, e para que se decida se deve realisar-se essa esperanza, ou abandonar-se para sempre tão grandiosa idéa.

OBRAS PUBLICADAS

POR

AUGUSTO DE CASTILHO

Lourenço Marques no presente e no futuro.— 1880.—
1 vol.

NB. Brevemente yae fair uma nova edição d'esta obra copiosamente acrescentada no texto, enriquecida de numerosos documentos appensos, e ornada de gravuras.

O Zambese.— Apontamentos de duas viagens.— 1880.— 1 folheto.

A questão do Transvaal.— Collecção de documentos ácerca das relações entre os inglezes e os boers desde 1852 até 1880.

Os boers do Transvaal e a sua independência.— Collecção de artigos no *Jornal do Commercio* e no *Diario de Noticias*, que brevemente serão reunidos em volume.

Preço d'este opusculo 240 réis